



## Relações entre humanos e mais-que-humanos nas redes da conservação e da produção de ciência sobre espécies animais pouco emblemáticas no Esp. Santo

*Mariana Pimenta de Alvarenga Prates<sup>1</sup>*

**Resumo:** O trabalho liga-se a uma pesquisa etnográfica sobre as atuações do Pró-Tapir, programa de monitoramento e conservação das antas e outros ungulados da Mata Atlântica capixaba. Acompanhei as pesquisas de campo realizadas pelas pesquisadoras, e o mateiro que as acompanha, no Complexo Florestal Linhares-Sooretama, no Espírito Santo. O complexo representa a maior área contígua do bioma Mata Atlântica no estado e uma das maiores do país. A pesquisa busca integrar a temática ambiental à perspectiva da Antropologia da Ciência e da Tecnologia, com a proposta de acompanhar as pesquisadoras também enquanto agentes conservacionistas e popularizadoras de espécies pouco emblemáticas através da produção tecnocientífica, da ação direta com os animais e da difusão lúdica e científica dessas espécies nas redes sociais e nas comunidades do entorno das áreas protegidas do complexo florestal. Para tanto, o trabalho contou com os métodos de observação participante e pesquisa bibliográfica e documental. Em suma, pretendo pensar sobre as relações entre humanos e mais-que-humanos dentro do biologia da conservação e da produção tecnocientífica, sobretudo, no Antropoceno.

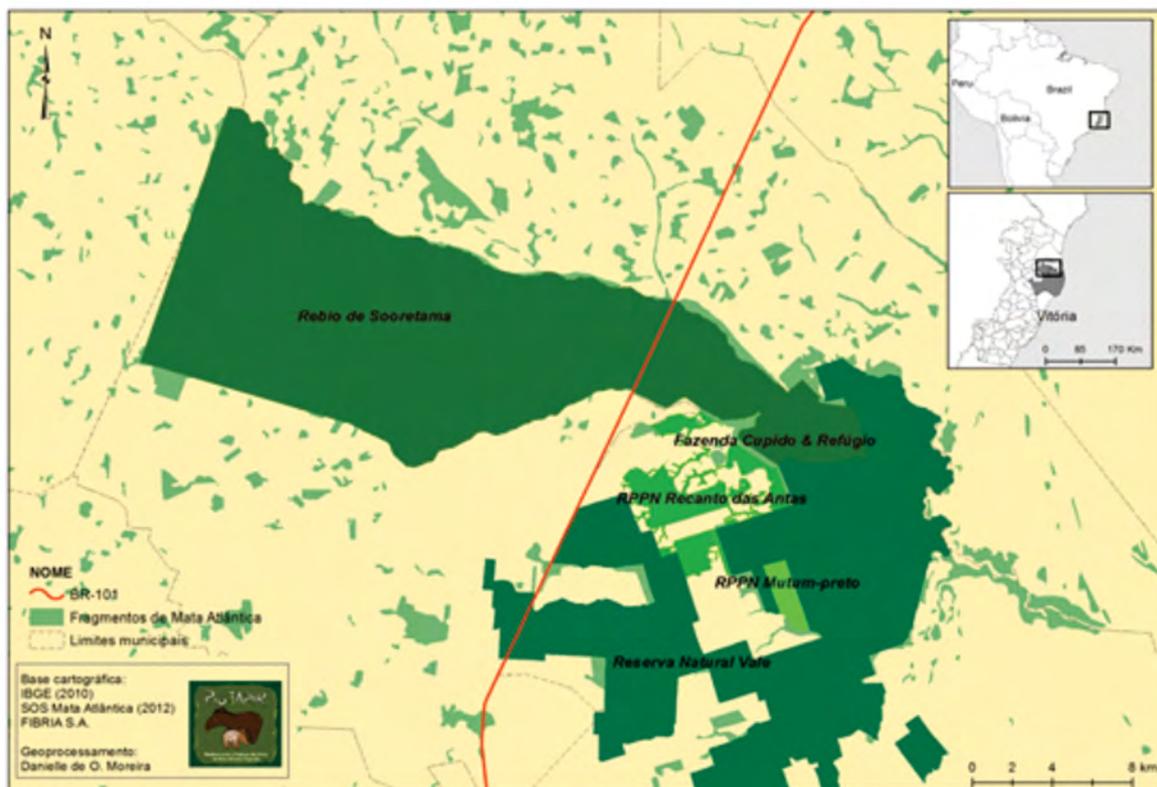
**Palavras-chave:** Pró-tapir; Pesquisa etnográfica; Relação humanos e mais-que-humanos; Produção tecnocientífica.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista PIBIC/FAPES/UFES.

## Introdução

No presente trabalho proponho relatar uma parte da pesquisa que estou desenvolvendo junto a um grupo de biólogas que atua em unidades de conservação na Mata Atlântica capixaba. Trata-se do Pró-tapir, um programa de monitoramento e proteção de antas e outros ungulados, como queixadas e catetos. Durante o tempo em que acompanhei o trabalho, as atividades estavam centradas no Complexo Florestal Linhares-Sooretama (figura 1), que engloba as seguintes áreas protegidas: Reserva Biológica (Rebio) de Sooretama, Reserva Natural Vale (RNV), Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Recanto das Antas e Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Mutum Preto, além de outras Áreas de Proteção Permanentes (APPs) e Reservas Legais da região. O complexo é o maior fragmento contínuo de Mata Atlântica no Espírito Santo e um dos maiores do país, somando mais de 50 mil hectares de mata e é cortado pela rodovia federal BR-101 num trecho de 25 km.



**Figura 1** – Mapa do Complexo Florestal Linhares-Sooretama e as áreas protegidas que o compõem. (Fonte: A autoria de Danielle de O. Moreira, Pró-Tapir; imagem gentilmente concedida pelo Pró-Tapir)

Desde o início me interessou o trabalho do programa enquanto popularizador de uma espécie silvestre ameaçada, mas que ainda não é emblemática para a conservação da fauna no Brasil (CREADO et al., 2015), principalmente no viés carismático que outros animais possuem frente à questão da proteção ambiental e animal, por exemplo, a onça-pintada e a baleia jubarte. Para tanto, o processo de popularização da anta deve se passar não apenas na produção técnico-científica, como também na difusão dessa produção de forma a alcançar um maior público, que inclui desde o governo a população civil.

Poder participar do trabalho de campo do grupo me ajudou a compreender os processos que estão por trás da produção de ciência na biologia, sobretudo na biologia da conservação. Meu foco é nos processos fora do laboratório, aqueles que renderão os materiais e dados para as análises e resultados finais, e principalmente o contato e as relações que as biólogas mantêm com seus animais estudados, como o já tratado em outros autores, como Guilherme Sá (2013). Nesse processo, alguns autores e seus conceitos foram fundamentais. Para começar tento pensar nos animais como mais-quehumanos tal como as autoras Marisol La Cadena (2018), Anna Tsing (2019) e Donna Haraway (2016) vem utilizando, numa tentativa de tornar a relação deles com os animais humanos menos dicotômica. A respeito da produção de ciência e dados tecnocientíficos, e, logo da coleta de matérias para tanto, Marilyn Strathern (2011) me auxilia, pois procuro analisá-los como fluxos que compõem as redes do Pró-tapir, estas que inclusive podem ser cortadas, às vezes pela interrupção dos próprios fluxos. Por fim, como vejo a ação do grupo muito ligada a popularização dos animais mais-que-humanos que estudam, e que se tratam de animais com pouca popularidade, os modos de identificação de Philippe Descola (1997), sobretudo o naturalismo e animismo, mostram como funciona o processo de tornar uma espécie, que é vista de forma pejorativa, carismática.

## Sobre campos e campanhas

Em 2014, em Vitória, ocorreu o Workshop Impactos da Rodovia BR-101 na Reserva Biológica de Sooretama: Estudos, Alternativas e Mitigação, em sua maioria na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), e dele participei de uma roda de conversa na sede do Projeto Tamar, na Enseada do Suá. Foi lá que conheci algumas figuras da proteção ambiental capixaba, em sua maioria biólogas e biólogos que desenvolviam estudos na região da Rebio de Sooretama, dentre eles o Pró-tapir. Desde então passei a acompa-

nhar o grupo pelas redes sociais, onde ele tem bastante atuação. Devido à licenciatura que fiz em Ciências Sociais, o olhar para a educação começou a me intrigar e por contadas diversas atividades que o grupo realiza na área de educação ambiental, surgiu-me a ideia de trabalhar com o grupo focando nessa questão. No entanto, como as atividades de educação ambiental ficavam bem dispersas entre as outras atividades realizadas, através de reflexão com minha orientadora, decidi mudar o meu foco, trabalhar em cima das relações das próprias integrantes do grupo com os animais e o ambiente estudados, e tudo o que implica esse processo.

Em março de 2018, ainda sem ter decidido se ia acompanhar o trabalho do PróTapir ou outro projeto de pesquisa em conservação, no caso um grupo que estuda os felinos na Mata Atlântica capixaba, acabei enviando mensagem para ambos, falando sobre o meu desejo de fazer minha monografia com os grupos, acompanhando os seus trabalhos. Obtive resposta dos dois, pedindo para que eu enviasse um *e-mail*, pois havia entrado em contato via rede social, onde eu pudesse explicar melhor como se daria o meu trabalho, mas desta vez apenas o Pró-tapir respondeu. Marcamos uma reunião para conversarmos pessoalmente no Laboratório de Biologia da Conservação de Vertebrados (LBCV), na Ufes, onde estavam presentes a Abigail<sup>2</sup>, que respondeu às minhas mensagens, e a coordenadora do programa, Lindalva. Desde o início, elas se mantiveram interessadas na minha proposta e me aceitaram muito bem no grupo. O PróTapir tem uma preocupação significativa em levar até as pessoas o trabalho que desempenha, e, portanto, elas viram na minha pesquisa mais uma forma de divulgação do programa, e me satisfiz bastante pensar que o estudo seria uma via de mão dupla logo de início, beneficiando os dois lados envolvidos, ou, melhor, três lados, se contar as espécies de fauna que são o objetivo de proteção do grupo. Na própria reunião, elas já me convidaram para participar da campanha de abril<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Os nomes utilizados para se referir as pesquisadoras são fictícios com o intuito de preservar a privacidade. A escolha dos nomes veio das botinas de campo das biólogas, que além de nome próprio têm personalidades próprias também, segundo uma delas.

<sup>3</sup> A campanha é a forma como elas se referem ao conjunto do campo, ou seja, todos os dias em que elas estão em campo configuram-se como uma campanha. As campanhas podem ser: (1) de capturas, por exemplo, e que geralmente são mais dias seguidos de campo, dezenas de dias; ou (2) podem ser campanhas de monitoramento, para verificar armadilhas deixadas por elas, como câmeras ou cercados para coleta de pêlos, essas geralmente contam com menos dias em campo.

No dia 11 de abril de 2018, fui para meu primeiro campo, e sem saber direito o que elas faziam e o que eu própria faria. Alguns dias antes da viagem, Abigail me deu orientações do que eu deveria levar e fez algumas perguntas a respeito de minha alimentação, por exemplo, se eu comia carne ou se tinha intolerância a algum alimento, assim como se eu tinha alguma alergia, de qualquer tipo. Fomos em quatro, eu, Abigail, Lindalva e Florentina, e o campo seria dividido em duas etapas, dois dias de entrevistas com os moradores do entorno da Rebio de Sooretama, atividade que compõe a pesquisa de pós doutorado de uma integrante do programa, a Carmen, mas que não pôde ir para o campo naquela oportunidade; e mais dois dias para monitorar os cercados, armadilhas para capturar pelos de catetos e queixadas que ficam no meio da mata. Saímos de Vitória e fomos para Sooretama pelo litoral, pela rodovia estadual ES-010, paramos em Nova Almeida, Serra, para pegar a Florentina, e então seguimos direto pela rodovia federal BR-101. São cerca de duas a três horas juntas no carro, o que me deixou um pouco apreensiva na primeira viagem. Florentina não sabia que eu não era da Biologia e ficou surpresa quando descobriu que era das Ciências Sociais, “o que eu estava fazendo ali?”. Florentina é muito extrovertida, e os campos em que ela vai são sempre bem movimentados, e as viagens nunca são silenciosas. Ela é recém formada em Biologia, na licenciatura e no bacharelado, e se identifica mais com a área da primatologia, e, inclusive, foi uma das integrantes de um famoso projeto que recolheu os macacos mortos no Espírito Santo pela febre amarela, em 2017. Além de Florentina, vários outros integrantes da equipe e também o pessoal da Rebio, ficaram intrigados com uma estudante de Ciências Sociais acompanhando e estudando o grupo. Meu caderno de campo sempre virava assunto em momentos de descontração ou até mesmo em momentos imprevistos, “O que será que a Mari vai colocar no caderno dela?”, alguém sempre perguntava. Guilherme Sá (2013) relata sobre isso quando fez campo junto com primatólogos, sobre a curiosidade que a presença de um não-biólogo gera no grupo de pesquisa e até mesmo nas unidades de conservação onde as atividades de campo acontecem.

Em relação ao caderno de campo, nos primeiros dias, talvez nos segundos e terceiros também, tive algumas dificuldades no que diz respeito ao modo de fazer os registros da minha observação, uma vez que eu não queria ser invasiva com minha presença e acabar atrapalhando as biólogas, que também estavam em campo, pois o meu campo era observar outras cientistas na mesma condição (SÁ, 2013), e eu sentia que precisava fazê-lo de forma a somar no trabalho delas e não apenas no meu próprio. Por conta disso, a

partir da segunda campanha eu já era vista como integrante da equipe, não havia nada que elas faziam que eu também não pudesse fazer, ou mesmo ajudar de alguma forma, embora algumas atividades já estivessem bem direcionadas a algumas integrantes, de modo que eu nunca experimentei executar essas atividades mais específicas, como manusear as armadilhas fotográficas, tarefa sempre desempenhada pela Abigail.

Jeanne Favret-Saada (2005) conta que para prosseguir com seu campo, em Bocage, na França, foi essencial que ela se deixasse afetar pela feitiçaria. Segundo ela, “ser afetado” não é se identificar com o ponto de vista nativo, mas mobilizar e modificar o estoque de imagens do etnógrafo através do seu engajamento pessoal. Deixar-se afetar durante o campo é reconhecer o seu lugar na experiência humana. No entanto, a autora tinha o receio de sua participação tornar o trabalho de campo mera aventura pessoal, ao mesmo tempo em que se só “observasse” não acharia nada para “observar”, porém, ao encarar o porquê de sua escolha metodológica, percebeu que sua “participação” se tornara um instrumento de conhecimento. Com o avançar das campanhas, fui me deixando afetar cada vez mais, a ponto de me comprometer tanto com o campo do Prótapir que esquecia que estava ali para fazer o meu também. Em alguns momentos, podia ter parecido uma “aventura pessoal” para mim, mas, depois, sobretudo na hora de escrever, percebi o quanto a minha participação me permitiu apreender diversos pontos do trabalho de forma mais fluída e menos invasiva, o que era a minha preocupação.

O campo delas não era somente a respeito de cumprir o roteiro de tarefas da pesquisa em si, também era sobre manter o alojamento da equipe, e, nesse aspecto, todas também compartilhavam as tarefas, desde a limpeza do espaço até a confecção dos alimentos. Era nesse ritmo de atividades, oficiais e não oficiais, que eu tinha dificuldades de tirar um tempo durante o campo para escrever e fazer anotações mais detalhadas, pois não me parecia correto me afastar por muito tempo enquanto a equipe arrumava o alojamento e preparava a comida para todas, e, por isso, eu estava sempre auxiliando-as de alguma forma, assim como eu também procurava medir as minhas perguntas durante o tempo que me parecia ser aquele para descontração. Durante as atividades da pesquisa em si, então, era mais difícil ainda ficar parando para fazer anotações, detalhes mais urgentes e instigantes eu digitava no bloco de notas do celular dentro do carro, durante o caminho de um ponto ao outro, inclusive, escrevia no celular porque no caderno a escrita ficava ilegível devido o sacolejar do carro. Às vezes, também utilizava o gravador, do próprio celular, para registrar alguns relatos mais completos. Contudo, era em casa,

em Vitória, depois do campo, que conseguia organizar o caderno de campo entre tantas anotações que precisavam ser mais detalhadas.

Com o passar dos dias, e das campanhas, percebi que elas são sempre diferentes, umas mais pesadas e outras mais leves. Nessas últimas, por exemplo, conseguíamos chegar ao alojamento mais cedo, tomar banho mais cedo, e comer mais cedo, logo sobrava uma parte da noite livre de compromissos. Geralmente, nesses casos elas ficavam conversando, sobre diversos assuntos, às vezes até faziam algumas brincadeiras; o sinal de telefone pegava mal na região, e, por isso, elas procuravam passar o tempo interagindo entre elas. Eram oportunidades para eu transcrever algumas anotações do celular para o caderno de campo e escrever outras guardadas na memória, porém também nada muito demorado. O entrosamento em equipe tinha o seu valor para o grupo; principalmente Lindalva zelava por isso. Elas até criavam formas de descontração para manter a equipe unida e, até mesmo, motivada para chegar ao final da campanha e permanecer física e emocionalmente bem. Em campanhas maiores e que exigiam mais de todos os integrantes, isso fazia toda a diferença para elas, como no caso das campanhas de captura, onde os horários para levantar e deitar não eram certos e todo mundo ficava muito tenso por conta da responsabilidade em se capturar os animais. E, nesse sentido, encarei meu trabalho de campo assim como Marcio Goldman (2003) que o chamou de “catar folha”, expressão emprestada do candomblé, remetendo ao trabalho de pacientemente reunir ao longo de meses e anos os resultados que se busca, juntando pequenas informações e refinando-as à medida do possível.

Guilherme Sá (2013), ao acompanhar primatólogos pela Estação Biológica de Caratinga, fala que, com o tempo, quando saía para o campo, ia deixando coisas para trás, como laptop, gravador, livros, e, no meu caso, deixei de levar o caderno para a mata, já que nunca o utilizava mesmo, só levava o celular e a câmera, além de alguns objetos pessoais por segurança. Os objetos se tornaram um peso durante as caminhadas, principalmente quando não eram utilizados, e, por isso, acabei deixando no carro até perceber que não era mais necessário levá-los. Andar pela mata, no meu caso em trilhas, embora fosse mais fácil do que seguir pela mata fechada, como fazem os primatólogos para acompanhar os macacos, sempre trazia novos ensinamentos dos mais variados tipos, desde melhores formas de andar pela trilha com troncos, cipós e pequenas plantas pelo caminho, à adaptação a diferentes perneiras, até se encontrar uma que melhor vestisse. E, ainda, as melhores formas de se prender o cabelo, ou até mesmo de se pensar em cor-

tar, para que não agarrasse nos galhos; evitar camisas que deixassem muito da pele à mostra por conta dos “arranha-gatos”, espécie de planta, e dos mosquitos. No primeiro campo, me deram algumas instruções, mas outras coisas eu fui aprendendo com as tentativas e falhas, como na vez em que vesti uma camiseta mais cavada e acabei toda arranhada e picada.

As campanhas do Pró-tapir são mensais e a quantidade de dias varia de acordo com as atividades que são desenvolvidas, tais como educação ambiental, checagem de armadilhas e entrevistas com os moradores vizinhos da reserva. A partir do meu primeiro campo, em abril, passei a acompanhá-los todos os meses com exceção de um, em julho. Sendo assim, fui para campo em abril, maio, junho, agosto, setembro e novembro de 2018. Não houve campanha em outubro e dezembro de 2018 por questões logísticas. Dentre todas essas idas, as atividades variavam um pouco, mas sempre havia checagem de armadilhas fotográficas e de pêlos, atividade principal do grupo no ano de 2018.

A campanha de maio de 2018 contou com a mesma equipe de abril, Lindalva, Abigail, Florentina e eu. Inicialmente seria uma campanha rápida, de quatro dias, para apenas checar os cercados e as câmeras, porém no segundo dia de campo Lindalva recebeu um telefonema do gestor da Reserva do Córrego do Veado, Pinheiros-ES, dizendo que havia sido encontrada uma anta morta, provavelmente por canhão, uma armadilha de caçador que dispara um projétil quando o animal passa. O corpo fora encontrado na divisa da Unidade de Conservação (UC) com uma propriedade e, depois, levado para a sede, onde seria enterrado. Sem pestanejar, Lindalva decidiu que deveríamos ir até lá para examinar e enterrar o animal, principalmente por Sooretama estar mais perto de Pinheiros em comparação à Vitória. Sendo assim, no dia seguinte acordamos cedo, mais cedo do que de costume, para pegarmos a estrada. Pinheiros está localizada mais ao norte do estado, próxima à divisa com a Bahia, e a viagem até lá é de mais ou menos duas horas. A Reserva do Córrego do Veado ao contrário da de Sooretama é pequena, 2,4 hectares, um pedaço de mata em meio a pastos e plantações, contudo ainda consegue abrigar duas espécies ameaçadas no Espírito Santo, a anta e a queixada, animais que requerem muito espaço para viver, pois se deslocam bastante pela paisagem, e são bem sensíveis a alterações do seu habitat.

O trabalho contava com examinar o indivíduo, medir o tamanho do corpo e de alguns membros, fotografar, fazer a biopsia e enterrar. Para o último, precisaríamos de uma manta para enrolar o corpo, pois, depois de alguns meses, o animal é desenterrado para

a coleta dos ossos e a manta não permite que nada se perca no meio da terra. Portanto, era necessário que chegássemos cedo para procurar uma manta na cidade, examinar o bicho e cavar um buraco para poder enterrá-lo. Porém, para a sorte dos nossos braços e costas e tudo o mais que é preciso para cavar um buraco em que caiba uma anta de mais de duzentos quilos, o gestor da Rebio já havia feito este trabalho pesado, de modo que quando chegamos a anta estava ao lado de sua cova pronta.

Foi a primeira vez que vi uma anta ao vivo, morta ou viva, e a imagem daquela criatura foi para além das minhas expectativas. Ela é enorme! Sabia que se tratava de um animal grande, mas mesmo assim fiquei bem surpreendida e somando o fato dela estar morta também fiquei bem emocionada. De acordo com a avaliação das pesquisadoras, se tratava de um indivíduo jovem-adulto macho. Ele realmente estava com um buraco ao lado de uma das patas dianteiras que poderia ser por onde o projétil entrou, mas para ter certeza apenas com uma necropsia, o que não seria feito, uma vez que era trabalho para um veterinário. O exame precisou ser rápido, pois começou a chover no meio do procedimento. Não tinha muito para eu fazer e, por isso, fiquei basicamente olhando e segurando um objeto e outro que às vezes me entregavam. Quem fez a biópsia foi Florentina, que já está habituada ao processo, pelo menos em primatas, e ela teve dificuldade em cortar a pele do animal que é bem grossa como um couro. Segundo ela, aplicou a força necessária para perfurar a pele fina de um macaco, tal como é a pele humana também, e mesmo colocando força a pele custou para rasgar, isso porque, somada ao couro, a faca que estava sendo usada não era apropriada, elas não estavam preparadas para o ocorrido e não haviam levado o material próprio para o procedimento. Depois de coletado um pedaço do músculo da anta, restava “apenas” colocá-la no buraco, ou melhor, empurrá-la. Primeiro, colocou-se a manta aberta e depois todos juntos empurramos o bicho para dentro de sua cova, onde ele se alojou tão perfeitamente que parecia estar apenas dormindo, deitado com a cabeça meio recostada sobre as patas dianteiras dobradas. Por fim, o buraco foi coberto de terra e, sobre a terra já lisa, o gestor colocou uma lona com pedaços de madeira por cima para impedir que algum animal carniceiro, atraído pelo mau cheiro, desenterrasse o corpo para comer. Com a ajuda do gestor, conseguimos não partir da cidade tarde, e, depois de um almoço agradável em uma padaria que conquistou o coração e paladar da equipe, pegamos a estrada de volta para Sooretama.

Ter que trabalhar com animais mortos de forma não natural, seja por atropelamento ou armadilha de caçador, não é o objetivo do programa, mas é uma consequência principalmente por se tratar de uma espécie que está presente em pouquíssimas áreas do

estado. A Rebio de Sooretama possui ainda outro agravante, pois é atravessada por uma rodovia federal. Cada indivíduo morto representa uma perda imensa para as biólogas, sobretudo por não terem os números exatos da população total da espécie em cada região. Porém, é através desses encontros pragmáticos (ALMEIDA, 2013) que o programa adquire mais material genético de diferentes indivíduos para análises laboratoriais, o tecido coletado do corpo fresco e os ossos que ficam do processo de decomposição são aproveitados para uma série de exames genéticos e fisiológicos. É dessa forma também que o Pró-tapir mantém suas redes (STRATHERN, 2011) com outros programas e pesquisadores, através dos fluxos dos materiais genéticos que se transformam em outros dados, a serem utilizados pelos grupos.

## Os animais mais-que-humanos estudados (mas não apenas)

*“A gente só trabalha com bicho que sofre bullying.  
Somos o quê? Protetoras dos oprimidos!”*

(Lindalva, coordenadora do programa)

O Pró-Tapir desde sua criação teve o objetivo de estudar sobre as antas na Mata Atlântica capixaba. Tudo começou em 2004, quando Lindalva era estudante do mestrado em Biologia Animal na Ufes e seu projeto inicial de trabalhar com os carnívoros no Parque Estadual Paulo Cesar Vinha, Guarapari, não deu certo, na época seu orientador sugeriu que ela fizesse a Análise de Viabilidade Populacional (AVP) de algum animal ameaçado no estado e a espécie que continha mais dados biológicos para tanto era a anta. Do resultado da dissertação, Lindalva decidiu que dedicaria sua vida profissional a trabalhar com grandes mamíferos e que a anta seria sua espécie bandeira. Em 2009, o gestor da Rebio Córrego do Veado, Pinheiros, enviou fotos de fezes de anta e um convite para que ela fosse estudar as da reserva, além de oferecer a ajuda na procura para captação de recursos. No ano seguinte, Lindalva conseguiu recursos para financiar o projeto e em janeiro de 2011 o Pró-tapir iniciou suas atividades com antas no Espírito Santo, onde até então não havia quem estudasse os bichos na região. Desde então, o grupo atua nas unidades de conservação que ainda possuem registros do bicho, Rebio Córrego Grande (Conceição da Barra), Rebio Córrego do Veado (Pinheiros) e Rebio de Sooretama (Sooretama, Vila Valério, Jaguaré e Linhares), todas no norte do estado, a espécie é considerada extinta abaixo do Rio Doce.

Além de Lindalva, os integrantes do programa que estão presentes desde 2011 até hoje são Carmen e Jeremias. Carmen era da turma de Lindalva e Jeremias era seu aluno na graduação em Biologia na Ufes. Ao longo dos oito anos de Pró-tapir muitas pessoas passaram pelo projeto, colaborando, apoiando e integrando a equipe. Como definiu Marilyn Strathern (2011), houve cortes na rede, tanto de pessoas que desassociaram do grupo quanto do grupo que se desassociou de outros grupos. Os interesses mudaram ou se convergiram, assim como alguns trabalhos são concluídos e seus autores seguem outros caminhos. Com as novas tecnologias, o Pró-tapir acabou compondo outras redes, e dessa vez mais compridas, com grupos que estudam outros animais ou pessoas interessadas pela conservação da biodiversidade em geral. Atualmente, a equipe conta com os seguintes pesquisadores:

**Lindalva**, coordenadora e fundadora do Pró-tapir, também é presidente do Instituto de Pesquisa da Mata Atlântica (IPEMA) e membro do Grupo de Especialistas em Antas da IUCN. Doutora em Biologia Animal pela Ufes. Sua área de estudo é Ecologia, Manejo e conservação da Fauna, especialmente mamíferos ungulados de médio e grande porte, que, na Mata Atlântica, são antas, queixadas e catetos.

**Carmen**, coordenadora de projetos, está no programa desde sua fundação participando das reuniões para captação de recursos para realização das pesquisas. Está fazendo pós-doutorado no Laboratório de Biologia da Conservação de Vertebrados (LBCV) na Ufes, cujo projeto tem foco nos conflitos entre os mamíferos silvestres e produtores rurais na região da Reserva Biológica de Sooretama. Além de conflitos entre animais e humanos, seus estudos estão ligados a áreas prioritárias para conservação, risco de extinção de espécies nativas e história da zoologia no Brasil.

**Jeremias**, também integrante desde o início do programa quando ainda era aluno da graduação. Hoje é doutorando em Biologia Animal na Ufes e seu interesse de pesquisa é em ecologia alimentar e espacial de mamíferos, sobretudo da anta. É o único homem da equipe.

**Abigail**, bióloga, entrou para a equipe no início de 2015. Gerencia as atividades de campo e as planilhas de dados, além de ser a responsável pela divulgação do programa e seus produtos nas redes sociais.

**Sebastião**<sup>4</sup>, bióloga e aluna do doutorado em Biologia Animal na Ufes, faz parte do programa desde 2013. Sua tese é sobre estrutura e diversidade genética das populações

---

<sup>4</sup> O nome da botina da bióloga é masculino.

de queixadas e catetos na Mata Atlântica. Também é responsável pela divulgação científica e gerenciamento de recursos financeiros.

Além dos pesquisadores citados acima<sup>5</sup>, o programa conta com outros que colaboram em partes específicas de alguns projetos, como as biólogas que trabalham com a análise genética do material recolhido pelo grupo, pois até o interesse de Sebastião na área, a equipe não havia nenhum integrante que trabalhasse com o assunto. Também existem muitos alunos vinculados a graduação e pós-graduação em biologia que desenvolvem seus trabalhos com o Pró-tapir, e nem todos diretamente relacionados à anta, ou mesmo as queixadas e catetos. O monitoramento desenvolvido inicialmente com foco na anta acabou gerando muitos dados sobre outros animais que dividem o mesmo ambiente com eles, material este que o grupo não deixa se perder e aproveita ao máximo orientando a pesquisa de alunos com o interesse em aprofundá-los. Como o caso da pesquisa de uma aluna que avaliou a eficiência das armadilhas fotográficas, inicialmente destinadas para coleta de imagens de mamíferos, na captação de imagens de aves; e outro aluno que utilizou a frequência do aparecimento de cães domésticos para comparar o uso que estes fazem dos recursos da mata com os onívoros silvestres. Como disse a própria coordenadora, o estudo das antas abriu o caminho para aprofundar estudos sobre outros animais silvestres da mesma região; podemos dizer que a própria anta têm suas habilidades em abrir portas, ela “vaza” e constitui teias para além de si (INGOLD, 2012).

A anta (*Tapirus terrestris*) é o maior mamífero terrestre nativo do Brasil, a última espécie representante da megafauna no território, podendo pesar até 250 kg. É da ordem Perissodactyla, ou seja, dos mamíferos terrestres ungulados que possuem número de dedos ímpares, junto com o cavalo, zebra e rinoceronte (MEDICI et al., 2012). Em 2014, a anta passou a integrar a Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção<sup>6</sup>. Em nível mundial e nacional, seu estado de conservação é considerado Vulnerável (VU), mas, no bioma Mata Atlântica, ela está Em perigo (EN), e até mesmo extinta em algumas áreas, como no estado do Rio de Janeiro (MEDICI et al., 2012) e em algumas regiões do Espírito Santo, no caso, ao sul do rio Doce.

Até 2014, eu não sabia o que era uma anta. A gente ouve bastante o nome, principalmente como forma de insulto para com outras pessoas, mas não é raro utilizar sem

---

<sup>5</sup> As informações foram adquiridas através do trabalho de campo e do currículo lattes de cada pesquisadora.

<sup>6</sup> <http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/lista-de-especies> <Último acesso em: 22/04/2019>

conhecer o animal, como pude constatar depois com outras pessoas que também não sabiam quem ela era. Outros animais também utilizados como xingamentos são mais familiares ao cotidiano das pessoas, como a baleia, o porco, o veado, a galinha, o burro, e tantos outros que como diz Lindalva “sofrem *bullying*”. Talvez a falta de conhecimento se dê, em parte, pela espécie não ser uma bandeira (SIMBERLOFF, 1998), ou seja, uma espécie que representa não só a conservação dela própria, mas do seu ecossistema inteiro, no Brasil. Esse é um dos objetivos do Pró-tapir, trazer a anta para o centro, fazendo com que seja uma espécie bandeira também, sobretudo no Espírito Santo, onde em algumas áreas a sua presença é mais sentida. Ela é grande, não dá para passar despercebida, e do seu tamanho já começam as suas importâncias ecológicas. É uma espécie guarda-chuva por ocupar grandes paisagens, o que faz com que as ações utilizadas para elas acabem servindo ou beneficiando outras espécies, animais e vegetais, que estão distribuídas na mesma paisagem (SIMBERLOFF, 1998). É a jardineira das florestas, pois seu tamanho somado à sua alimentação baseada majoritariamente em frutas e às suas andanças quilométricas pela mata tornam-na uma potencial dispersora de sementes, dos mais variados tamanhos, e que ainda finaliza com seu próprio adubo orgânico, pois, como recém mostrado por uma equipe de pesquisadores do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia, o cocô da anta ajuda a regenerar áreas de floresta degradadas<sup>7</sup>. Portanto, a espécie já é bandeira para o Prótapir, a tarefa é levar seu carisma para as pessoas e instituições que não a reconhecem ainda.

Embora em nível macro a anta ainda não seja uma espécie bandeira, tal como sua maior predadora, a onça-pintada, as pesquisadoras atestam que regionalmente onde a espécie está mais presente, ela é considerada uma bandeira frente às iniciativas para a conservação da biodiversidade, sobretudo na Mata Atlântica. A intenção de se trabalhar com o monitoramento dessa espécie no Espírito Santo, e atualmente mais na região do Complexo Florestal Linhares-Sooretama, vai muito ao encontro de mostrar junto às populações locais a relevância da anta para a região, em um refúgio que ainda abriga com potencialidade uma espécie considerada em perigo em um dos biomas mais degradados do país.

Os moradores vizinhos ao complexo conhecem a anta, não só conhecem como também a vêem com admiração, por mais que também façam piadas com ela. Talvez a anta não seja imponente como a onça, no sentido de ser “a dona do pedaço”, mas ela

---

<sup>7</sup> <http://ipam.org.br/coco-de-anta-ajuda-a-regenerar-florestas-degradadas-na-amazonia/> <Último acesso: 22/04/2019>

é um “bichão”, tal como falam alguns moradores locais, e que, com seu tamanho e outras características, consegue cativar quem está acostumado a ela. Logo, esse é o papel do programa, acostumar as pessoas à espécie, trabalhando em suas potencialidades carismáticas e ecológicas, ao mesmo tempo em que desmitifica seu nome como insulto. Anna Tsing (2019), em seus estudos sobre o matsutake, fala sobre os mais-quehumanos que não são “percebidos”<sup>8</sup> pelos humanos, mas também do esforço que alguns têm de divulgá-los. A autora traz exemplos de poemas, música e imagens que são vinculadas em relação ao matsutake e utilizadas por seus pesquisadores e adoradores para levar a espécie a outras pessoas. Tsing ainda aponta que esses seres não “percebidos” podem estar dividindo paisagens conosco e mesmo assim são ignorados, o que me faz lembrar que até na região do complexo existem muitos moradores que desconhecem os animais que vivem na região.

Para alcançar esses objetivos, as biólogas, que podemos identificar enquanto naturalistas, acabam utilizando um modo de identificação animista, nos termos de Philippe Descola (1997), na propaganda que fazem da anta, principalmente ao lhe atribuir características humanas. Tanto no material divulgado nas redes sociais quanto nas atividades de educação ambiental com crianças e adolescentes, a anta se torna uma personagem da mata, fundamental para o bom funcionamento desta. Em relação à sua aparência, ela é sempre apresentada como charmosa, graças à sua tromba delicada e o seu andar cuidadoso, os filhotes ainda contam com as listras para completar o charme. Contudo, a anta é, sobretudo, uma jardineira, ela é especialista em plantar árvores por toda a mata, não apenas plantar, como preparar as sementes antes e o adubo depois. Para Lindalva, a anta enquanto jardineira acaba representando a floresta como um todo e foi isso o que a levou a trabalhar com a espécie, por tudo o que ela pode fazer dentro do lugar em que vive.

---

<sup>8</sup> Em inglês, o termo usado pela autora é “notice”, porém na tradução usada como base para o trabalho ele é traduzido na maior parte como “percebido”.



**Figura 2** – Desenho ilustrativo da anta que explora uma imagem mais carismática da espécie.

Fonte: Acervo da autora

Entretanto, o quase-animismo empregado pelas biólogas não é o mesmo do mateiro que as acompanha ou dos moradores vizinhos a Rebio. Elas animam os bichos como um mecanismo para chegar ao fim de popularizar o animal e levá-lo à arena nacional (HANNIGAN, 2009), como que se, ao mostrarem que os animais parecem com os humanos, conferissem mais sentido à sua existência e à necessidade de proteção, embora Descola (1997) mostre que esse é mais um artifício do naturalismo, uma natureza exterior existente e necessitada de proteção. Com isso, percebe-se que o modo naturalista de relacionar as espécies continua presente e é o que direciona a visão da pesquisa, mas não é suficiente para, sozinho, popularizar a imagem da espécie, e daí a necessidade e a eficácia do animismo.

Ainda em relação às diferentes ontologias, local e científica, por exemplo, a anta é mais necessitada de proteção para as biólogas do que para a comunidade local. Tânia Stolze Lima (1996) descreve sobre o perspectivismo ameríndio a respeito dos porcos

do mato e de como estes animais não são passivos em suas agências até mesmo durante a caça. Os moradores do entorno da Rebio não compartilham de uma visão tão animista dos animais como os Juruna, mas possuem uma visão de uma anta mais independente do que adas biólogas, para eles os animais sabem se virar na mata, muito embora reconheçam a importância desta para a segurança deles. Outro conflito ontológico (ALMEIDA, 2013) acontece quando os moradores locais duvidam que um animal em questão esteja ameaçado segundo a avaliação de risco da espécie, eles alegam que, na região, isso não se aplica. As descrições, biológicas e comportamentais, que a comunidade tem dos animais às vezes também vão de encontro ao conhecimento tecnocientífico da biologia, um bom exemplo é a visão a respeito do comportamento agressivo das queixadas e dos catetos.

## Algumas considerações

Mas voltando ao *bullying* sofrido pela anta, Lindalva e as demais pesquisadoras não sabem de onde vem o tom pejorativo que lhe é destinado, na verdade as biólogas chamam a atenção ao fato da espécie possuir quantidades similares de neurônios aos elefantes, o que o torna famoso por sua boa memória. Pois bem, a boa memória da anta foi importante para humanos, primeiro os indígenas, e depois imigrantes europeus, demarcaram suas rotas e trilhas, muitas transformadas até mesmo em estradas, isso porque a anta costuma utilizar as mesmas trilhas para se locomover pela mata, além de seu tamanho ajudar a abrir clareiras por onde passa. Antes de ver, ou avistar como as biólogas dizem, uma anta viva em campo, eu tive a oportunidade de ouvi-la e até mesmo senti-la. Foi na campanha de agosto de 2018, e estávamos indo ver um ninho de urubu-rei no topo de uma cachoeira no interior da Rebio de Sooretama. Poucos passos antes de chegarmos ao destino, o mateiro que estava na frente para e avisa baixinho que tem uma anta na trilha. Os segundos voaram e ela também nos percebeu. Daí o estrondo! Estávamos num morro e rapidamente só deu para ouvir um galopar alto descendo em direção ao córrego, quebrando galhos e pequenos troncos que estivessem à sua frente. Naquele momento, para mim, fez muito mais sentido o barulho que denunciou sua presença do que uma imagem à minha frente faria. Eu não vi a anta, mas ela estava lá, e ela era grande, parente do cavalo e boa em abrir trilhas.

Do esforço em difundir a anta como um animal digno da atenção dos holofotes do país dentro da conservação da fauna e da flora e da produção de ciência para tanto,

consigo identificar uma postura no trabalho das biólogas de fazer da anta uma parente, tal como Donna Haraway (2016) defende em relação aos entes mais-que-humanos que dividem com os humanos o mesmo planeta e seus processos de transformação. Haraway fala sobre um parentesco para além da ancestralidade e genealogia, que tenha em comum talvez apenas a carne que compõe os nossos corpos. Dessa forma, remeter a anta de forma que a aproxime da humanidade ao ponto de proporcionar uma identificação com o animal, para mim, é igualmente mostrar o quanto ela pode ser uma parente. Um outro programa voltado para a conservação da fauna e da flora no Espírito Santo tem o seguinte lema: “as pessoas protegem o que elas conhecem”. Eu acrescentaria, “as pessoas protegem o que elas conhecem e se identificam”, e pelo visto em campo as pessoas se identificam com o que se assemelha a elas, e exemplos disso são o que não falta, e, como aponta Descola, “um traço característico de todas as conceptualizações do meio ambiente é que elas se baseiam em um referencial antropocêntrico” (DESCOLA, 1997, p. 260). E essas conceptualizações são notáveis também nas cosmologias ameríndias, tais como apontadas por Lima (1996) sobre o exemplo dos Juruna.

O leque do segundo campo (STRATHERN, 2017) não para de abrir, e refletir sobre as potencialidades humanísticas que as biólogas enxergam na anta para alavancá-la no *hall* das espécies carismáticas em tempos de Antropoceno (HARAWAY, 2016) também não parece cessar. O Pró-tapir pretende assegurar um bom refúgio para a espécie, mas quem não está à procura de um? Refúgios protejam humanos e mais-quehumanos de processos organizados de destruição e que muitas vezes ocorrem por guerras silensiosas, tais como narradas por Marisol de la Cadena (2018).

O cenário que observei e participei no Complexo Florestal Linhares-Sooretama - junto da equipe de naturalistas empenhadas em aumentar os incentivos que a anta ameaçada ainda não tem - é desafiador para entender os processos que legitimam tanto os humanos e mais-que-humanos que podem se assegurar nesse momento, para a ciência, para a conservação e para outros aspectos que englobam ganhos e perdas nos tempos atuais.

## Referências

ALMEIDA, M. Caipora e outros conflitos ontológicos. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 5, nº 1, p. 7-28, jan-jun, 2013.

- DE LA CADENA, M. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. **Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 95-117, abr. 2018.
- DESCOLA, P. Ecologia e Cosmologia. In: Castro, E; PINTON, F. **Faces do Trópico Úmido: conceitos e questões sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Belém: Editora Cejup, 1997.
- CREADO, E. S. J. ; TORRES, C. C. A.; FREITAS, P. L. T. Ambientalismo, tecnociência e espécies emblemáticas: algumas reflexões a partir de elefantes africanos, tartarugas marinhas e seus porta-vozes. In: **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Bevilacqua, C. B.; Velden, F. V. (Org.). 1 ed. Curitiba-PR; São Carlos - SP: Editora UFPR; EdUFSCar, 2015, v. 1, p. 308-341.
- FRAVET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de campo**, nº 13, p. 155-161, 2005.
- GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 46, nº 2, 2003.
- HANNIGAN, J. **Sociologia ambiental**. Tradução de Annahid Burnett. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HARAWAY, D. Antropoceno, Capitoloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica** – pesquisa, jornalismo e arte, ano 3, nº 5, abr. 2016.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- LIMA, T. S. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. **Mana**, vol. 2, nº 2, p. 21-47, 1996.
- MEDICI, E. P; FLESHER, K; BEISIEGEL, B. M; et al. Avaliação do risco de extinção da anta brasileira *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758), no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, ano 2, nº 3, p. 103-116, 2012.
- SÁ, G. **No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

- SIMBERLOFF, D. Flagships, umbrellas and keystones: is single-species management passé in the landscape era? **Biological Conservation**, vol 83, nº 3, p. 247-257, 1998.
- STRATHERN, M. Cortando a Rede. Tradução de Ana Letícia de Fiori. **Ponto Urbe** (online), 8, 2011.
- STRATHERN, M. O efeito etnográfico. In: **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- TSING, A. Arte da inclusão, ou, Como amar um cogumelo. In: **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.